

INDISCIPLINA NA SALA DE AULA: A VISÃO DE ALUNOS E PROFESSORES

Carolinne dos Santos BRAZ*

Lourdes Maria Campos CORRÊA**

Débora Cristina de Oliveira NUNES‡

Fernanda Helena NOGUEIRA-FERREIRA§

Resumo: Esta pesquisa objetivou investigar o conceito de indisciplina existente entre professores e alunos e as ações dos professores frente a situações indisciplinadas. Foram amostrados 179 alunos e oito professores de escolas públicas do Ensino Fundamental da cidade de Uberlândia-MG, por meio de questionário e entrevistas. Para as meninas, atos de indisciplina estão relacionados com manifestações verbais e para os meninos, com manifestações comportamentais. Entre os professores, indisciplina está relacionada ao desrespeito às normas da escola. Os alunos relataram que os professores contêm a indisciplina conversando com eles, seus pais ou diminuindo sua nota. Diante de situações de indisciplina os professores afirmaram tanto

*Mestranda em Educação, FAGED, Universidade Federal de Uberlândia (UFU); carolinnebraz@hotmail.com

**Doutoranda em Educação, FAGED, Universidade Federal de Uberlândia (UFU); lourdesmcorreia@yahoo.com.br

‡Doutoranda em Genética e Bioquímica, Instituto de Genética e Bioquímica, Universidade Federal de Uberlândia (UFU); nunesdco@yahoo.com.br

§Professora Doutora do Instituto de Biologia, Universidade Federal de Uberlândia (UFU); fernandahelenanogueiraf@gmail.com

dialogar com os alunos sobre o comportamento indisciplinar como encaminhá-los à direção da escola. Portanto, a indisciplina apresenta-se sob diversas formas no ambiente escolar. Os docentes tentam solucioná-la por meio da punição dos alunos, medida que atua no controle do problema a curto prazo. Já a ideia de prevenção das condutas indisciplinadas ainda não está presente entre as medidas adotadas pelos professores.

Palavras-chave: Indisciplina; Relação Professor-Aluno; Ensino Fundamental

INDISCIPLINE IN THE CLASSROOM: STUDENTS' AND TEACHERS' VISION

Abstract: This research aimed to investigate the indiscipline concept between students and teachers and teacher's actions in front of such situations. We sampled 179 students and eight teachers in public schools from elementary school in Uberlândia city - MG, using questionnaires and interviews. For the girls acts of indiscipline are related to verbal manifestations and for the boys with behavioral manifestations. Among the teachers, indiscipline is related to disrespect to school rules. Students reported that teachers restrain indiscipline talking to them, their parents or lowering their score. In the face of indiscipline situations, teachers said they both dialogue with students about indiscipline behavior and refer them to the school principal. Therefore, indiscipline has many forms at school's environment. The teachers try to solve it through the punishment of students, acts that control this problem only in a short-term. Now the

preventing idea of indiscipline's behaviors is still not among the measures adopted by teachers.

Keywords: Indiscipline; Teacher-Student Relationship; Elementary School

Introdução

A palavra indisciplina é definida como procedimento, ato ou dito contrário à disciplina, desobediência, desordem, rebelião (FERREIRA, 1986), insubordinação (HOUAISS, 2001).

Castro (2010) assume que o conceito de indisciplina está sujeito a múltiplas interpretações, sendo que o sujeito indisciplinado “é, em princípio, alguém que possui um comportamento desviante em relação a uma norma, explícita ou implícita, sancionada em termos escolares e sociais”. Já Donatelli (2004) sugere o uso da palavra ‘limite’ em substituição ao termo (in)disciplina, pois considera que estes termos nos remetem à características que apresentam rigor militar.

É preciso superar a noção arcaica de indisciplina como algo restrito à dimensão comportamental. De acordo com Damke (2005), as crenças dos professores sobre as expressões de indisciplina

colaboram na construção dessas, mas eles nem sempre enxergam como indisciplina as mesmas manifestações em contextos diferentes.

Mas afinal, o que gera a indisciplina? Para Garcia (1999), as causas para a indisciplina podem ser externas ou internas à escola. As primeiras envolvem a influência dos meios de comunicação, a violência social e os problemas no ambiente familiar. Já as causas internas são representadas pelo ambiente escolar, as condições de ensino-aprendizagem, os modos de relacionamento humano, o perfil dos alunos e sua capacidade de se adaptar aos esquemas da escola.

Segundo Fontana (2007), há anos atrás, a educação familiar era imposta pela força, ou seja, os pais aplicavam castigos, em grande parte usando a violência, quando a criança desobedecia a suas ordens. Já nas décadas de 1960 e 1970, a educação familiar passou a ser regida pelos conceitos psicanalíticos e psicológicos que caracterizavam uma educação sem limites, o que gera reflexos até hoje (FONTANA, 2007). Entretanto, não podemos isentar a escola como também um fator que gera a indisciplina. Para Cruz e Gomes (2004, p.73) “fica evidente que o problema não se encontra só no comportamento indisciplinado dos alunos, mas no jogo de empurra-empurra entre a escola, a família e a sociedade”.

Tendo em vista a problematização aqui abordada, o presente estudo objetivou investigar o conceito de indisciplina na visão de alunos e docentes, analisando-se os diversos atos considerados indisciplinados pelos mesmos, bem como as causas da indisciplina e as atitudes tomadas pelo corpo docente e direção escolar diante deste comportamento.

Procedimentos metodológicos

Este trabalho investigativo teve seu início como uma das atividades propostas na disciplina Estágio 1, no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). A pesquisa foi desenvolvida com professores e alunos em três escolas da rede pública da área urbana de Uberlândia (MG, Brasil), município com 611.903 habitantes (IBGE, 2011).

Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, gravadas, com 8 professores do Ensino Fundamental utilizando-se um roteiro como instrumento de coleta de dados. Este método utiliza-se de questionamentos que ao longo da entrevista oferecem diversas possibilidades de interrogativas (NOGUEIRA-MARTINS, 2001). Além disso, foram entrevistados 179 alunos do sexto ao nono ano do

Ensino Fundamental. Devido ao elevado tamanho amostral de alunos, foi utilizado um questionário totalmente estruturado. Todas as entrevistas e questionários foram realizados com o consentimento dos sujeitos, após conhecerem os objetivos da pesquisa e com a garantia de que a identidade de cada um seria preservada.

Os resultados foram analisados de forma quantitativa e qualitativa, sendo que cada entrevistado pôde mencionar mais de um aspecto ou característica por ele considerada relevante. As características comportamentais que apareceram nas respostas foram categorizadas conforme a proposta metodológica de análise do conteúdo (BARDIN, 2001).

Apresentação, análise e discussão dos dados

A primeira questão investigada, “*Você se considera indisciplinado(a)? Por quê?*”, apresentou 34% de respostas afirmativas entre os alunos, sendo que 54% desses sujeitos eram do gênero feminino. Houve uma distinção de conceito de indisciplina entre os gêneros que pode ser evidenciada pelos seguintes relatos:

Respostas femininas:

1. *“Às vezes, porque às vezes eu converso e não colaboro com a aula”.*
2. *“Não, porque estou sempre prestando atenção às aulas, professor nenhum me chama atenção... faço sempre trabalho, atividades...”.*

Respostas masculinas:

1. *“Sim porque eu faço bagunça em sala de aula”.*
2. *“Não. Eu gosto de estudar e não fazer bagunça”.*

As meninas consideraram como ações de indisciplina manifestações verbais, vistas como negativas no contexto escolar. Essas situações incluem conversar e não prestar atenção à aula. Entre os meninos, as manifestações indisciplinadas listadas referem-se às ações comportamentais rotuladas como “bagunça”.

Para Carvalho (2001, p. 8), os alunos formulam seus conceitos de indisciplina de acordo com a bagagem trazida de experiências com outros professores, assimilando conceitos muito semelhantes aos destes. Neste contexto, *bom aluno* – disciplinado – é aquele considerado “‘bem humorado’, ‘uma liderança positiva’, ‘engraçado’, ‘curioso’, ‘danado fora da sala de aula’”. Já entre as meninas, o conceito de *boa aluna*, por parte dos professores inclui “... caladas, obedientes, não questionadoras”.

Durante a entrevista realizada com os professores, foi solicitado que eles citassem alguns alunos disciplinados e justificassem sua escolha. Dentre os 22 alunos considerados como indisciplinados pelos professores, 13 alunos foram do gênero feminino (61,9%) e 9 do gênero masculino (38,1%). Este resultado, no entanto, distingue de Carvalho (2001, p. 8), quando aponta o fato dos meninos serem considerados a maior parcela entre o total de alunos com desvios de aprendizagem e relacionamentos. Santos (2007), em sua pesquisa sob a ótica dos gêneros, encontrou que as alunas consideradas indisciplinadas não se encaixavam no modelo de feminilidade e eram punidas mais severamente do que os garotos e as outras alunas.

Santos e Moreira (2002) ressaltam que as meninas sofrem uma cobrança muito maior do que os meninos no sentido de terem um comportamento mais rígido, de serem educadas, delicadas, estudiosas. ‘Em contrapartida, aceita-se que os meninos sejam menos estudiosos e dedicados, pois se reforça um estereótipo de masculinidade no qual seus comportamentos transgressores são mais aceitos. Em resposta à segunda indagação feita aos alunos “*Quais são as principais atitudes consideradas como indisciplina?*” foram obtidas as seguintes categorias comportamentais: brigar (7%), ofender verbalmente (12%),

desrespeitar (13%), conversar (20%), e gritar, andar, responder, bagunçar, não fazer tarefas (48%). Verifica-se que a maioria das respostas apresentadas pelos alunos está relacionada a atos de enfrentamento voltados aos professores ou aos próprios colegas da turma. Considerando que os sujeitos da pesquisa são alunos de 10 a 18 anos, torna-se importante destacar as estratégias de enfrentamento e defesa adquiridas desde cedo pelas crianças, mas que se acentuam com o início da puberdade. De acordo com Herbert (1991, p.34), essas ações comportamentais apresentadas pelos alunos ocorrem porque “ajudam a amenizar as ansiedades e fracassos e a proteger a integridade do eu”.

Para os professores primeiramente perguntou-se “*Para você, o que é indisciplina?*”. As respostas encontradas foram: falta de compromisso com a escola, falta de respeito às pessoas, não cumprimento de normas - (37,5%); desorganização, agressividade, falta de limites, comportamento inadequado - (25%); falta de vontade e não participar da aula - (12,5%). Dentre as respostas dadas pode-se destacar:

1. “*Tem a ver com o cumprimento das regras que são estabelecidas [...]. Na medida em que os alunos não cumprem essas regras eles geram uma situação de indisciplina*”.

2. *“Para mim é a desorganização, em se tratando de sala de aula. Porque tem a bagunça organizada que dependendo do que está sendo feito, o aluno precisa andar, conversar. Agora, às vezes, a desorganização dentro de sala, sem um motivo, pode ser indisciplina”.*

Essas ideias dos professores com relação à indisciplina podem ser encontradas também nas respostas à segunda pergunta efetuada, complementar à primeira: *“Quais as principais atitudes apresentadas pelos alunos que você considera indisciplina?”*. As respostas foram: desrespeito, agressividade - (50%); não cumprimento de normas, falta de atenção, conversa - (37,5%); levantar, atraso, falta de limites, jogar material - (25%), gritar, não pedir licença para levantar, falta de compromisso, falta de responsabilidade, desorganização, falta de vontade, comportamento inadequado, não participar das aulas - (12,5%). Ao comparar esta questão à anterior, pode-se perceber que para os professores a indisciplina é sinônimo de não cumprimento às normas pré-estabelecidas.

Gomes, Silva e Silva (2010) registraram que grande parte dos alunos seguiu uma tendência de não considerar certos comportamentos como indisciplinados enquanto os mesmos eram considerados assim pela unanimidade dos professores. A visão dos professores sobre a indisciplina escolar pode ser resultado do

conhecimento constituinte de suas crenças, experiências culturais e valores (CAPALBO, 1979). Há uma falta de coerência entre autoridades, o que conduz os alunos a se tornarem pesquisadores, testando os diferentes comportamentos em cada ambiente para ver o que será tolerado (PICADO, 2009).

Grande parcela das respostas dos alunos (81%) e professores (37,5%) inclui fazer barulho ou conversar como ações indisciplinadas, o que concorda com os estudos de Damke (2005), os quais afirmam que essas ações são consideradas indisciplinadas, mas o silêncio não tende a ser pensado como tal.

Apesar de 37,5% dos professores encararem a “conversa” como uma forma de indisciplina, 12,5% consideraram como ato indisciplinar o aluno “não participar da aula”. Assim, na visão dos professores, parece haver certa compreensão de que o silêncio pode ser indisciplina, quando o mesmo reflete passividade, ou seja, o aluno não está interagindo na aula. De acordo com Siqueira (2003), um aluno jamais deve permanecer passivo e, mesmo que as respostas dadas sejam incompletas ou incorretas, o verdadeiro educador sempre deve fazer um comentário crítico construtivo.

A análise das respostas à terceira questão dada pelos alunos “*A indisciplina ocorre em todas as aulas?*” resultou em 70% de respostas negativas, o que sugere que a indisciplina ocorre dependendo da postura do professor que ministra a aula. Além disso, se as crenças, experiências culturais e valores podem influenciar a visão dos professores sobre a indisciplina escolar (CAPALBO, 1979), o mesmo pode acontecer com relação à visão dos alunos, que podem ter concepções de comportamentos relacionados a cada disciplina. Ao mesmo tempo em que estabelece normas, deixando bem claro o que espera dos alunos, o professor deve respeitar a individualidade e a liberdade que os alunos trazem com eles, para neles poder desenvolver o senso de responsabilidade. Além disso, ainda que o docente necessite atender um aluno em particular, a interação deve estar sempre direcionada para a atividade de todos os alunos em torno dos objetivos e do conteúdo da aula (SIQUEIRA, 2003). De acordo com Vasconcellos (1995), essa autoridade deve englobar os seguintes domínios: intelectual (ser capaz de reflexão), ético (ser coerente, compromissado), profissional (ser competente, ter domínio do conteúdo) e humano (perceber e respeitar as pessoas).

Quando questionados se “*A indisciplina ocorre mais em aulas teóricas ou práticas?*”, 73% dos alunos responderam as teóricas, por exemplo:

1. *“A indisciplina ocorre com mais frequência em aulas teóricas, porque não temos muitas aulas práticas, então, quando temos nós aproveitamos.”*
2. *“Teóricas, porque é mais chato.”*

Muitos professores consideram que esta modalidade didática de aula prática “dá muito trabalho”, além de permitir aos alunos a saída da rotina, estimulando-os a execução de comportamentos “indisciplinados”. Krasilchik (1986, p. 35) afirma que “uma parcela significativa das informações é obtida por meio da observação direta dos organismos ou fenômenos [...] o que justifica a inclusão das excursões, aulas práticas e demonstrações”. O fato de aulas práticas despertarem tanto interesse dos alunos pode ser pensado sob a perspectiva de que tais momentos permitem que os alunos trabalhem em grupo, discutindo ativamente o conteúdo, construindo conhecimento — e não somente manifestando atitudes indisciplinadas.

Rijo e colaboradores (2002, p. 05) concluíram que a alteração da metodologia e do ambiente de estudos auxilia os alunos a

modificarem a imagem que possuem da disciplina e da própria escola. Aulas dinâmicas, divertidas, linguagem clara, objetiva e de fácil entendimento, sempre associando o tema em questão a situações atuais, de conhecimento dos alunos, utilizando mais a explanação verbal do que a lousa torna as explicações dadas pelo docente, segundo opinião unânime dos alunos, uma aula motivadora (SIQUEIRA, 2003).

O mesmo tema foi perguntado aos professores na questão “*A indisciplina ocorre em todas as aulas? Existe diferença entre aula prática e teórica?*” e obtivemos as respostas: depende do professor (37,5%), ocorre mais na aula prática (25%), depende da sala (alunos), depende da disciplina, ocorre tanto na prática como na teórica e ocorre em aulas desinteressantes (12,5%). Isso corrobora com o resultado obtido na investigação entre os alunos, que também acreditam que a indisciplina depende do professor. Para Siqueira (2003), um professor competente está sempre pronto a refletir sobre sua metodologia, sua postura em aula, a replanejar sua prática educativa, a fim de estimular a aprendizagem, a motivação dos seus alunos, de modo que cada um deles seja um ser consciente, ativo, autônomo, participativo e agente crítico modificador de sua realidade. Contudo, mesmo diante desse conhecimento, o professor não age dessa forma para evitar a

indisciplina. Isso pode ser devido a fatores como a falta de preparo em sua formação para saberem como agir na prática, a falta de incentivo e valorização da carreira docente que desmotiva os professores e, até mesmo, a própria política da escola, que muitas vezes reprime mudanças do “padrão” de aula pré-estabelecido, ou seja, não permite que a aula acompanhe o perfil de aluno contemporâneo.

Outro dado interessante é que 25% dos professores afirmaram que a indisciplina é mais frequente em aulas práticas. Na realidade, ela pode ocorrer em qualquer momento. Faz-se necessário o professor compreender que existe uma indisciplina ativa, aquela em que o aluno faz ‘bagunça’ e também a indisciplina passiva, em que o professor até consegue o silêncio, mas não a atenção dos alunos. O educador deve ajudar a constituir a disciplina ativa e coletiva (FREDERICO, 2001).

Quando os alunos foram questionados sobre “*O que os professores, supervisor, vice-diretor e diretor fazem para manter a disciplina na sala de aula?*”, 6% citaram suspensão, 10% disseram que os professores recorrem à advertência escrita, 11% destacaram o professor chamar a atenção, 13% responderam retirar da sala de aula e 50% dos alunos relataram atitudes como conversar, chamar os pais, descontar nota e castigar. Tais resultados permitem afirmar que muitos

professores (19%) recorrem à suspensão e retirada do aluno da sala de aula.

Para os professores questionou-se “*Qual a sua atitude frente a tais comportamentos (de indisciplina)?*”, obtendo: tentativa de reflexão com os alunos, encaminhar à direção (37,5%), buscar conhecer as possíveis causas, tomar atitudes severas, tratar individualmente com o aluno (25%), chamar a atenção, enviar bilhete aos pais, penalizar com nota e tentar fazer uma negociação (12,5%). Assim, observa-se que tanto alunos como professores mencionaram ter atitudes de punição frente a um comportamento de indisciplina. Contudo, essas atitudes de punição são realizadas após a ocorrência de um comportamento indisciplinar e o detém naquele momento, mas não são tentativas de solucionar as suas causas. Se, conforme Siqueira (2003), um professor deve refletir sua postura, metodologia e suas práticas educativas para estimular seus alunos, talvez essas mudanças possam ser mais eficazes. Isso porque elas agiriam evitando a indisciplina, não apenas atuando quando ela já está presente.

Na afirmação de um dos professores, percebe-se a noção de que valer-se da imposição não é o caminho para resolver problemas resultantes de indisciplina: “*E a imposição da disciplina por si só eu não acredito que ela funcione, que ela tenha eficácia*”. É importante

que o professor compreenda a necessidade de se negociar as regras e limites de comportamento dentro da sala de aula, estabelecendo sanções para aqueles que tiverem conduta inadequada. Ainda, a rediscussão das regras deverá ocorrer sempre que estas perderem o seu sentido ou começarem a atrapalhar o desenvolvimento do grupo (FREDERICO, 2001).

O castigo, citado por significativa parcela de alunos e professores, pode controlar, de imediato, “um comportamento perturbador, mas, por si só, não ensina o comportamento desejável nem sequer reduz o desejo de se portar mal novamente” (PEREIRA, 2005, p. 195-196). Também é importante destacar o grande número de professores que disseram encaminhar alunos indisciplinados à direção quando não conseguem resolver o problema. Isso talvez seja porque o professor ainda tenha dificuldade para lidar com a indisciplina, por não ter um conceito definido ou por não conhecer as causas reais para tais atitudes. Segundo Aquino (1999), é preciso superar a fragmentação das relações, ou seja, o professor deve fazer tudo que está ao seu alcance para resolver o problema de indisciplina, evitando convocar pais, encaminhar o aluno para orientação ou direção.

Também foi perguntado aos professores “*Para você, as expressões de indisciplina estão relacionadas a quais fatores?*” e

obteve-se que: 100% mencionaram a família, 38% a escola, 25% o professor, os valores pessoais do aluno, 13% a personalidade do aluno, as características pessoais do aluno, fatores psicológicos, a ausência dos pais, os amigos, a situação financeira e o excesso de informações na atualidade.

A família, fator mencionado por todos os professores, é fundamental no desenvolvimento do caráter disciplinar da criança (AQUINO, 1996). Se não houver uma cobrança de limites em família, o aluno agirá na escola de forma a testar o sistema que exigir dele cumprimento de normas (PINA, 2011). Também a escola, os alunos e professores têm a sua importância na geração da indisciplina. Vigotsky (1987) sugere que o problema da indisciplina não deve ser encarado como alheio à família, muito menos à escola, já que, na sociedade, elas são as principais agências educativas.

Considerando disciplina como o conjunto de normas democráticas, justas e construídas em acordo com todas as classes constituintes da instituição escolar, a indisciplina representaria a quebra destas normas. A contenção de tais situações é de fundamental importância, porém, não menos importante é a prevenção da indisciplina.

Considerações finais

A indisciplina é uma questão que, primeiramente, pode ser pensada a partir dos gêneros. Os meninos parecem entender a indisciplina mais como atitudes comportamentais, já as meninas relacionam essa problemática às manifestações verbais.

Professores e alunos consideram conversa como manifestação indisciplinar, ao mesmo tempo em que aulas práticas são consideradas pelos docentes como geradoras de indisciplina. Assim, é importante que o professor seja capaz de replanejar suas aulas frente a determinadas respostas dos alunos, além da necessidade de uma definição de indisciplina mais clara e ampla. A in(disciplina) não pode mais ser pensada como um desvio comportamental às normas da sociedade, mas como reflexos das interações sociais mal estabelecidas.

Se tudo isso já é conhecido, então porque o professor/a escola não age de forma a não ter indisciplina? A questão disciplinar somente será resolvida quando as comunidades escola-família-sociedade trabalharem de forma conjunta na construção de regras mais democráticas e humanas. Tais limites e regras necessitariam ser constantemente revistos a fim de acompanhar as transformações e

inovações que o ensino e a sociedade sofrem. Assim, a manutenção da disciplina passaria a ser vista não mais como um problema, mas como o resultado positivo de regras corretamente formuladas e discutidas, às quais todos estariam submetidos. Ou seja, haveria uma mudança de perspectiva: a indisciplina não seria punida, mas sim prevenida.

Referências

AQUINO, J. G. (Org.). **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. 2. ed. São Paulo: Summus, 1996. 149 p.

AQUINO, J. G. (Org.). **Autoridade e autonomia na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1999. 226 p.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2001.

CAPALBO, C. **Metodologia das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Antares, 1979.

CARVALHO, M. P. Mau aluno, boa aluna? Como as professoras avaliam meninos e meninas. **Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 554-574, 2001.

CASTRO, M. C. Indisciplina: Um olhar sobre os distúrbios disciplinares na escola. **Revista Electrónica da Faculdade Semar/Unicastelo**, v. 1, n. 1, 2010.

CRUZ, M. D. C; GOMES, A. A. Indisciplina e violência no universo da escola: algumas reflexões. **Revista Lusófona de Educação**, Lisboa, n. 3, p. 67-87, 2004.

DAMKE, A. S. **Indisciplina escolar**: percepção social dos professores. 2005. Disponível em:
<<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/posteres/GT13-2124--Int.pdf> >. Acesso em: 13 mar. 2013.

DONATELLI, D. **Quem me educa?** A família e a escola diante a in(disciplina). São Paulo: Arx, 2004.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FONTANA, P. A. F. Indisciplina na escola: de onde vem e para onde vai? **Revista Fafibe On Line**, Bebedouro, n. 3, 2007.

FREDERICO, T. F. **A prática disciplinar no ensino fundamental e o estatuto da criança e do adolescente**. 2001. 221 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2001.

GARCIA, J. Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 95, p. 101-108, 1999.

GOMES, C. A.; SILVA, G. R.; SILVA, D. V. Indiscipline in a portuguese school: the viewpoint of the educational community. **Educação em Revista**, Marília, v. 11, n.1, p. 93-104, Jan.-Jun. 2010.

HERBERT, M. **Convivendo com adolescentes**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1991. 275p.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IBGE. NOTA: Estimativas da população residente com data de referência 1º de julho de 2011. Disponível em:
<<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 21 out. 2012.

KRASILCHIK, M. **Prática de ensino de biologia**. São Paulo: Ed. da USP, 1986.

NOGUEIRA-MARTINS, M. C. F. **Humanização das relações assistenciais**: a formação do profissional de saúde. 3.ed., São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

PEREIRA, A. N. (In)Disciplina na aula: uma revisão bibliográfica de autores portugueses. **Revista Lusófona de Educação**, Lisboa, n. 5, 193-198 p., 2005.

PICADO, L. **A indisciplina em sala de aula: uma abordagem comportamental e cognitiva.** Portal dos psicólogos, 2009. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0484.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2012.

PINA, V. N. Atuação do orientador educacional na questão da indisciplina escolar. **Revista Eduf@tima**, v. 2, 2011. Disponível em: <<http://www.edufatima.inf.br/isf/index.php/es/article/view/40>>. Acesso em: 13 mar. 2013.

RIJO, C.; LOUREIRO, M.; CÉSAR, M. **Gostar ou não gostar de matemática: eis a questão!...** Actas de ProfMat, 2002. Viseu: APM [Suporte: CdRom].

SANTOS, L. P.; MOREIRA, M. F. S. Indisciplina na escola: uma questão de gênero? **Educação em Revista**, n. 3, p. 141-160, 2002.

SANTOS, L. P. 2007. **Garotas indisciplinadas numa escola de ensino médio: um estudo sob o enfoque de gênero.** 2007. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, 2007.

SIQUEIRA, D. C. T. Relação professor – aluno: uma revisão crítica. **Integração ensino-pesquisa-extensão**, 2003. Disponível em: <<http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-praxis->

pedagogicas/RELA%C3%87%C3%83O%20PROFESSOR-ALUNO/relacao%20professor-aluno%20%20uma%20revisao%20critica.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2013.

VASCONCELLOS, C. S. **Disciplina**: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. 4. ed. São Paulo: Libertad, 1995. 110 p.

VIGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.